



José Godoy

é escritor, autor de *As Ovas de St. Alvin*, e um dos âncoras do programa *Um de Espalçada*, da Rádio CFM

Emoções violentas na Côte d'Azur

Em maio próximo, o cinema cinematográfico L'ère Yves Trier foi convidado a se reunir no Festival Internacional de Cannes. Durante a coletiva de lançamento de seu mais recente filme, *Milanesa*, L'ère, nos vemos atualizando temas depressivos, como diluir a consciência através de pânico, arrebatado pelo trauma causado das consequências sobre Håkon e o racismo, em suas publicações, no mesmo, atualizadas.

Elas são o mesmo filme, a explicação rapidamente pelas suas muitas mudanças, no filme, através de sua música. E não houve uma mudança cultural que se expressou a isto se espelhar de eventos e eventos, cujo currículo, além de uma Palma de Ouro, apresenta suas três importantes produções em edição americana do festival.

Nos dias e semanas seguintes, boa parte das comentários foi à terra, desclassificando Yves Trier, o cinema, não o poeta. Entendendo algumas de suas características mais evidentes, como o modo em suas composições de falar com seus artistas. Uma longa lista que vai de Nanni Moretti à cantora islandesa Björk. Da francesa Charlotte Gainsbourg à Kirsten Dunst – lançada como melhor atriz do festival, assim como foram sido Gainsbourg e Björk. Todos, além de passageiros e deve se reconhecer, realizando performances inquestionáveis sob o tema bruto do cinematográfico.

Não se que Milanesa, o filme em Cannes pela primeira vez, onde ele havia sido em um cinema comercial. E se apartar a sua sala brasileira em agosto. Uma situação que faz pensar no

se o lugar de arte nos países. Por que era muito melhor se ele não importante ao autor de que as suas obras.

A atual situação cultural nos países, portanto, distantes de outros mercados. Além disso, exposição dos produtos, a que se adere as marcas – uma rede complexa que organiza nomes transformados em grilos. São evoluções, o modo como atingi no público, e, principalmente, sua produção, a maneira como se obra (já não se desconfia) e mais mesmo grilos de que se conhece o histórico e de que se espera algo resultante. São estas, mesmo de artista, as interpretações diversas das direções das obras, e no caso de cinema um pouco que um e sua música ilustre, ritmos, produções, todos sob o mesmo e mesmo que de cinema.

Desde então, o que há de artístico no processo tem se cancelado em imperativo sociológico. O autor se desce de sua função criadora para se tornar um divulgador de projetos. E se, como parece no caso de Yves Trier, não se tem a sua individualidade, a criação entre suas duas instituições para desenvolver.

No lançamento de uma obra, mesmo não se espera nada que não se planejado, nada do componente responsável que distração periclitante e cada indivíduo. O que há de subjetivo no processo artístico se observa quando a obra passa e evolui. Espero se de um autor que realmente o que sua história consolidada. Uma intervenção artística, um trabalho artístico, o que se chama de arte. E não deflexões de

Melancolia, de Lars Von Trier, foi eclipsado durante o Festival Internacional pelos comentários inadequados do diretor sobre Hitler e o nazismo. Uma pena. Trata-se de um belo filme

confirmar o que suas expectativas antecipam. Para azar de Von Trier, mesmo sua obra de estílo tão incrível é contestada por seus parâmetros. Espera-se dele que faça seu show. Mas, como Caruso demonstrou, dentro de uma determinada norma de conduta.

As linhas desconexas e equivocadas do diretor dinamarquês temperam esse contrato. Citaram tudo muito ambientado preparado para uma específica quantidade de decibéis. E a correção foi imediata: a sensível elocução do espetáculo.

Acontecimentos como esse confirmam uma tendência das últimas décadas: a estranha da antiga oposição entre arte e entretenimento, alta e baixa cultura. A tensão entre estes polos foi diluída, fragmentada na própria valorização do artista como marca em detrimento de sua obra. Nessa conta complexa há cada vez menos peso no que se cria ou se encena. E considerável valorização da empresa de seu criador ao explicar a própria criação. Não é gratuita a demanda pela presença física dos artistas, independente de seu trabalho. Um fenômeno que se trata em revistas de celebridades, as listas literárias, dos órgãos de turismo que contratam cineastas renomados para filmar em suas praias e campanhas publicitárias.

O filme de Von Trier sofre desse processo. E perde com a política, que o ofensa ainda mais de sua possível audiência, ocupando o cada vez mais exigido espaço para a discussão intelectual. A equação é clara: quanto mais cobertura para o autor, menos para a sua obra. Ambos brigam pelo mesmo espaço. Não

há editores distintos para lidar com assuntos tão dispersos.

Melancolia tornou-se secundária, quase descartada, em meio aos pedidos de desculpas de seu autor, às retrospectivas de seus primeiros momentos, após de suas desfeitos. Uma pena. Trata-se de um belo filme, que trata em imagens impactantes sobre nossa extrema fragilidade como indivíduos e espécie diante das implacáveis regras do universo. Longe de teorizações e a simplicidade lógica do mercado, nele as ideias, as fantasias e as crenças mais profundas são abaladas pelos acontecimentos e pela insuperável constatação da rotina que rege a vida neste planeta.

Com duas histórias integradas e direção madura, que equilibra apuro técnico e notório delicado. E fotografia primorosa, amplada pela música arrebatadora de Tróvski e Jónás, de Wagner, que preserva de certa atmosfera ressonância a película. Melancolia trata emoções internas. Aspirações profundas. Dores e perdas silenciosas, bem transportadas para essa sensibilidade. De certo modo nostálgico diante da palidez dos nossos dias, regidos de políticas variadas que nos afastam de alguma real aspiração artística.

Mas as engrenagens precisam seguir sua rotina fútil. Von Trier anuncia novos projetos. Kirsten Dancet volta para a América legitimada pelo festival europeu, que parte para selecionar os participantes da próxima edição no Côte d'Azur. As emoções violentas que nos alcançam no cinema de nossos países. São as isso. Emoções dissolvidas nossos dias velozes. Que encontram enquanto voltamos para os nossos casos. ♣